

## A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

### AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVE IN TEACHER EDUCATION

Roberto Marcos Gomes de Onófrio<sup>1</sup>

**RESUMO:** Para compreender um pouco a relação entre a sua formação e a sua prática pedagógica, temos como tema para esse artigo a Formação do Professor e como base metodológica a pesquisa autobiográfica. O objetivo dessa pesquisa é compreender a formação docente, a partir da análise da narrativa autobiográfica de três profissionais da educação, de uma rede municipal de ensino, público, do interior do Estado de São Paulo. No que se refere à metodologia para o desenvolvimento deste estudo optou-se pela pesquisa biográfica a partir da narrativa autobiográfica de duas professoras, Ana e Maria, e uma cozinheira, a Clara, que trabalham no “chão” da escola.

**Palavras-chave:** Formação docente. Biografização. Narrativa autobiográfica. Pesquisa biográfica.

**ABSTRACT:** In order to understand a little the relationship between their training and their pedagogical practice, we have Teacher Training as our theme for this article and autobiographical research as our methodological basis. The objective of this research is to understand teacher training, based on the analysis of the autobiographical narrative of three education professionals, from a public municipal teaching network, in the interior of the State of São Paulo. With regard to the methodology for the development of this study, biographical research was chosen based on the autobiographical narrative of two teachers, Ana and Maria, and a cook, Clara, who work on the “floor” of the school.

**Keywords:** Teacher training. Biography. Autobiographical narrative. Biographical research.

### INTRODUÇÃO

A formação docente, para algumas pessoas, inicia-se quando criança, nas brincadeiras com os colegas, com os irmãos e geralmente por influência de algum familiar ou de uma professora. Essa afinidade e desejo pela docência são descritas popularmente como um “dom”, e leva, na fase adulta, a pessoa, a estudar pedagogia ou alguma licenciatura. Porém, nem todos os professores tiveram o mesmo desejo quando criança, e a escolha pela docência se manifesta já na fase adulta, de forma racional ou outra.

Ao iniciar a sua carreira docente, os sonhos de criança e os desejos do adulto entram em conflito, pois a sua realidade profissional é permeada de contradições, desvalorização da carreira, baixos salários, críticas da sociedade e das famílias dos estudantes. Além de se sentir desamparado e despreparado para lidar com a realidade dos jovens alunos, pois “desenvolvem-se em ritmo rápido novas tecnologias de informação que escapam ao controle da escola e da família e que fascinam particularmente os jovens”. (CHARLOT, 2008, p.20).

---

<sup>1</sup> Roberto Marcos Gomes de Onófrio, Professor da rede municipal de Hortolândia. Em estágio pós-doutoral junto ao Departamento de Educação da UFSCar, sob a supervisão do Prof. Dr. Flávio Caetano da Silva, robertootrebor@hotmail.com

A família espera que a escola, e o professor, preencham essa lacuna nas vidas dos estudantes e os prepare para a vida. Espera-se que o professor prepare o aluno para uma sociedade globalizada e, também, “ligar a escola à comunidade” (CHARLOT, 2008, p.20). Por vezes, e essa é a grande contradição, o professor prepara o aluno para um mundo que ele mesmo não conhece. Assim, o professor cheio de sonhos e ideais é surpreendido por uma realidade difícil e desgastante. Para tentar ajudar o professor a superar essas dificuldades é fundamental que a sua formação seja contínua e ele tenha momentos em que possa refletir sobre a sua prática e sobre a sua formação.

Para compreender um pouco a relação entre a sua formação e a sua prática pedagógica, temos como tema para esse artigo a Formação do Professor e como base metodológica a pesquisa autobiográfica:

A pesquisa biográfica deve elaborar instrumentos e métodos que lhe permitam não somente conciliar essas duas exigências, como também responder metodologicamente à questão que ele coloca teoricamente, a saber, a da fabricação “Do mundo interior do mundo exterior. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.530-531)

Ou seja, buscamos a partir da narrativa autobiográfica trazer elementos para compreender a formação do docente ao longo da sua vida, as escolhas, as dificuldades.

O relato, então, não é somente o produto de um ato de contar, ele tem também o poder de produzir efeitos sobre aquilo que relata. É nesse poder de agir do relato que se baseia, alias, as propostas de formação que se valem das histórias de vida, para dar início a processos de mudança e de desenvolvimento do sujeito (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.529)

Para tanto, o objetivo dessa pesquisa é compreender a formação docente, a partir da análise da narrativa autobiográfica de três profissionais da educação, de uma rede municipal de ensino, público, do interior do Estado de São Paulo.

No que se refere à metodologia para o desenvolvimento deste estudo optou-se pela pesquisa biográfica a partir da narrativa autobiográfica de duas professoras, Ana e Maria, e uma cozinheira, a Clara, que trabalham no chão da escola. Temos como base para esse trabalho os estudos de Delory-Momberger (2011, 2012, 2014, 2016), pois, segundo a autora a pesquisa biográfica, além de estabelecer uma reflexão sobre o agir e o pensar, constrói a partir das figuras articuladas no tempo e na experiência, segundo a lógica de uma razão narrativa.

O objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de suas existências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524).

Essas Narrativas autobiográficas foram coletadas durante a disciplina “Relação com o Saber do Curso de Especialização: “Escola Pública: relações com o saber que afetam projetos de vida e de trabalho”, oferecido Pela Universidade Federal de São Carlos, para os profissionais de Hortolândia e Americana no período de abril de 2020 e abril de 2021. Para esse trabalho, inicialmente a fundamentação teórica que dá suporte para todo este artigo. A etapa seguinte que é dividida em três partes: a primeira com a Narrativa Autobiográfica de cada uma das professoras, apresentadas integralmente; na segunda apresentamos uma tabela, com trechos selecionados das narrativas, a partir das quatro categorias: “Formas de Discurso; Esquema Ação; Motivos recorrentes ou *Topoi*, e Gestão Biográficas dos *Topois*.”(DELORY-MOMBERGER, 2012, p.533-

534); a terceira e última parte, apresentamos a análise do texto, buscando compreender a sua formação docente.

Justificamos essa pesquisa porque trazemos em primeiro plano as formações do professor ao longo da sua vida, em que ele reflete as suas motivações, frustrações, escolhas, perdas. Isso nos dá indícios do processo de formação e nos ajuda a discutir e propor formações, seja no âmbito da licenciatura, ou nos cursos de formação continuada. A seguir apresentamos a fundamentação teórica que norteia esse trabalho.

## A BIOGRAFIZAÇÃO

De acordo com Delory-Momberger (2011) historicamente, a autonarrativa, era uma forma do indivíduo, traçar a sua trajetória espiritual, apontando seu percurso pecaminoso, reconhecendo a sua fraqueza humana e a partir desse reconhecimento ter o perdão de Deus, e com isso, obter a salvação. Essa autonarrativa, ou biografização, que o indivíduo faz, buscando encontrar o caminho com Deus, é a narrativa de conversão. Nessa autonarrativa, o autor traça seu caminho ao longo da sua vida, apresentando e descrevendo seus erros, conflitos e pecados. Trata das suas dificuldades internas e muitas vezes, recriando seu passado a partir das suas lembranças e dos seus julgamentos sobre o que foi vivido.

Na metade do século XVII, surge com August Herman Francke (DELORY-MOMBERGER, 2011) a literatura de confissão, embora se confunda com a narrativa de conversão, o seu tema central não é salvação, mas sim tratar do seu caminho pelo mundo. Nela, a narrativa traz questões da introspecção psicológica, retirando a questão de Deus dos questionamentos internos. Embora haja uma separação entre a narrativa de conversão com a narrativa profana, Delory-Momberger (2011 p.34) diz que:

Não existe mais distorção narrativa entre a vida profana e a vida espiritual: seus casos podem se confundir, pois já não descrevem mais esquemas de narrativas radicalmente diferentes, eles podem então se entrelaçar no mesmo gênero discursivo.

Na autobiografia moderna entra em cena o indivíduo sujeito, inserido em um contexto histórico-social-cultural, que narra a sua relação com o mundo, afastando-se, por vezes, da sua relação com divino. Traz a narrativa da vida, apresentando as etapas, os movimentos, escolhas e caminhos, traçando uma narrativa contando como o indivíduo se tornou o que é.

Delory-Momberger (2011, p. 36) traz o conceito de *Bildung* (Educação, Formação Cultural) que: “é o movimento da formação de si pelo qual o ser próprio e único, que constitui todo homem, manifesta suas disposições e participa assim da realização do humano como valor universal!” Aqui a autora aproxima o conceito de *Bildung* com a autonarrativa das histórias de formação de vida, “nas atuais práticas pedagógicas das histórias de vida em formação, a narrativa de vida contínua a ser vista como um percurso orientado e finalizado pelo qual o narrador retraça a gênese do ser no qual ele se tornou.” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 37)

Na narrativa de formação há a “reapropriação da história pessoal” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 41), durante esse processo o indivíduo reflete sobre seus caminhos, escolhas, oportunidades e toma consciência de todo o seu percurso formativo, a partir dessa conscientização, entende a história da sua formação, dá um novo sentido ao seu futuro e as suas escolhas:

nesse sentido totalmente significativa, pois, colocando como evidências os dois termos: o de sujeito e o de história, ela deixa entender que a formação tem por objetivo reatar os vínculos entre essas duas entidades, consideradas

separadas, dissociadas, mas sua existência assim percebida não é problematizada. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 41)

A sociedade burguesa é a sociedade do Eu. As sociedades antigas, rurais e aristocráticas eram sociedades coletivas, são as sociedades do nós. Por esse motivo a narrativa de si, é a narrativa do nós. Como vemos em Delory-Momberger (2011, p. 43):

É sob a forma de consciência de si, que se define o indivíduo da sociedade burguesa e que se situa o modelo biográfico da narrativa de formação. Podemos nos perguntar se a forma ontológica da narrativa de formação, por fazer intervir uma temporalidade e um devir individuais, poderia existir fora do contexto da sociedade burguesa. As sociedades rurais ou as sociedades aristocráticas parecem não poder desenvolver esse modelo particular, na medida em que, por um lado, as representações e a vivência dos indivíduos são conduzidas por pertencimentos coletivos para os quais o Nós é bem mais forte do que o Eu, e, por outro lado, essas sociedades repousa, sobre uma concepção da temporalidade.

Até aqui podemos entender que a autonarrativa é uma construção que fazemos da nossa trajetória de vida. Essa construção é feita a partir do nosso entendimento do passado. Ao fazer a narrativa de formação, buscamos entender os nossos processos internos, caminhos e escolhas, mas, por vezes, é difícil descrever ou mesmo lembrar, sentimentos ou subjetividades de um dado momento da nossa vida, o que nos levou a ter uma escolha. E hoje ao lembrar do passado, essas subjetividades passam despercebidas, desta forma, a nossa narrativa não é a realidade do vivido, e sim a lembrança e o julgamento, é a nossa recriação.

Segundo Delory-Momberger (2016), a história de vida só é história a partir do momento que o sujeito narra a sua vida, antes dessa narrativa o que ele tem é a própria vida. Ao narrar a sua vida, ou seja, a narrativa autobiográfica o sujeito cria uma história da sua trajetória, no nosso caso de interesse, a sua trajetória profissional. Ao buscar essa narrativa autobiográfica o sujeito está criando o seu projeto de si, todos os acontecimentos, decisões e fatos, que ele compreende, hoje, que o fizeram chegar até aqui. Diferente do projeto de vida, a história de si, traz informações importantes e faz com que o sujeito reflita sobre o que fez e o que o levou a ser quem é hoje. O projeto de vida é o projeto para nosso futuro. Procuro estudar para me tornar um professor melhor é um exemplo de um projeto de vida.

O “projeto de si” é algo consciente e não se faz apenas pela existência enquanto vida humana, ele é feito através da narrativa autobiográfica, ou seja, uma construção reflexiva da sua própria trajetória de vida, atingindo os fatos, ou melhor, a interpretação do sujeito, sobre o seu passado vivido e a projeção do que ele imagina do seu futuro. Nesse sentido o sujeito trilha conscientemente o futuro.

Porém há a necessidade de pontuar, como diz Delory-Momberger, (2006, p.364), “nós não podemos ser o que somos a não ser projetando o ser; nós não podemos chegar a nenhuma forma de existência a não ser que estejamos voltados para o nosso possível. “O possível é aquilo que se apresenta viável, em um dado momento do presente, e essa decisão terá impacto no futuro do sujeito e como consequência alterará consideravelmente o seu projeto de si. O sujeito projeta, mas a circunstância é que molda de fato, a sua vida. O projeto de si traz consigo uma consciência do caminho a trilhar, da situação atual e o que é necessário realizar, no presente, para que o projeto seja atingido.

Para a Delory-Momberger (2011) a autonarrativa não é a história real do indivíduo, ela é a narrativa criada por ele, sobre a sua história de vida. Essa recriação, deriva dos novos valores, pensamentos e do novo indivíduo, que julga e assume posição no presente, aos acontecimentos da sua vida passada. Os fatos da sua vida são contados cronologicamente, porém, as questões

subjetivas, pensamentos, sentimentos, conflitos e decisões, não tem o mesmo significado, quando recontados posteriormente. As dores profundas do passado nos transformaram, mas não doem com a mesma intensidade. O indivíduo que conta a sua história, não é o mesmo da história vivida. Para Delory-Momberger (2011), a biografização, só pode ser entendida através das suas duas faces, a individualização e a socialização. Essa divisão busca entender o indivíduo com um ser social, todas as suas individualidades, pensamentos, e maneira de ser, que são interpretados dentro do ambiente do indivíduo.

## AS NARRATIVAS

Apresentamos a seguir as três narrativas autobiográficas. Para facilitar a organização iniciamos com narrativa na sua integralidade, em seguida a tabela com os extratos categorizados a partir de Delory-Momberger (2012) e por último a análise realizada a partir dos extratos.

### A Narrativa de Ana

“Em minha formação escolar sempre tive muitas dificuldades, barreiras em relação às conquistas alcançadas. Enfrentei conflitos, mas tudo isso com superações, é claro que durante alguns tempos de toda carreira profissional, alguns de nós enfrentamos desafios. Na área da educação, e também em outras áreas de aprendizagens.

No trabalho e nas práticas educativas, encontramos as barreiras, as dificuldades, os conflitos enfrentados foram tratados de forma humana, em condições emocionais, físicas e culturais que promoveram muitas mudanças ao longo da minha carreira profissional, também no desenvolvimento pessoal e intelectual.

O objetivo é construir sujeitos competentes, sempre com soluções e perseverança, habilidades para desenvolver e avançar nas atividades educacionais.

Sobre os aspectos da formação escolar na prática, o papel do educador é de transmitir, e instruir um conhecimento, com o qual, reconhecendo e ampliando o aspecto do saber, não se esquecendo de sempre utilizar o vocabulário dos conteúdos, para expressar tudo aquilo que aprendeu para alcançar o seu objetivo, proposto em sala de aula. O processo educacional de ensinar e aprender são criações que se apoiam numa ampliação de técnicas variáveis de conhecimento, que requer qualificação, perseverança e responsabilidades do professor e dos alunos no dia a dia. Principalmente nos conflitos em salas de aulas, isso motiva a encontrar soluções para todos os envolvidos na comunidade escolar, pais professores e responsáveis.

Compreendendo os conceitos básicos na minha vivência escolar já presenciei manifestações em forma de erros que, a meu ver, em alguns casos eram acompanhados de conflitos e de contradições, sendo que isso ocorre quando o aluno não se dá conta de que a aplicação de uma determinada atividade não leva a um resultado por ele esperado, que poderá ser julgado como insatisfatório, do seu ponto de vista e compreensão, isso provoca desequilíbrios inevitáveis, que requerem ajustes e modificações do seu meio em termos de assimilação. Será fácil entender que em ambas as partes pode haver um desequilíbrio emocional.

Nesses casos cabe uma mediação que possibilite um comportamento mais controlado e equilibrado, ações determinadas por escolhas prévias e bem planejadas permitindo que se levem em conta o psicológico dos envolvidos e o nível de compreensão do aluno, tornando satisfatória a capacidade de atenção controle voluntário do sujeito sobre sua aprendizagem.”

**Tabela 1:** Extratos da narrativa de Ana

<p>Categoria 1: (Forma de Discurso) Discurso direto</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- sempre tive muitas dificuldades;</li> <li>- nos conflitos em salas de aulas, isso motiva a encontrar soluções;</li> <li>- na minha vivência escolar já presenciei manifestações em forma de erros</li> </ul>
<p>Categoria 2 (Esquema de ação)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- enfrentei conflitos, mas tudo isso com superações;</li> <li>- os conflitos enfrentados foram tratados de forma humana;</li> <li>- ao ponto de não ter vontade de realizar suas tarefas escolares perante os desafios;</li> <li>- Sendo fundamental a importância da auto confiança para aumentar sua autoestima primeiramente acreditando em si mesmo, respeitando seus limites valores e sentimentos</li> </ul>
<p>Categoria 3 (Motivos recorrentes do “lugar comum” <i>tōpoi</i>) “alunos em situação de fracasso escolar”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- requer qualificação, perseverança e responsabilidades do professor e dos alunos no dia a dia;</li> <li>- podem haver um desequilíbrio emocional;</li> <li>- sentindo-se fracassados dentro do ambiente escolar, para reverter esse quadro de difícil;</li> <li>- partir disso seja capaz de aprender mais,</li> <li>- autoestima significa fazer com que ele aprenda a perceber que aprende e sinta orgulho de ter aprendido.</li> </ul>
<p>Categoria 4 (Gestão biográfica do “lugar comum” em função da realidade sócio individual.)</p>	<p>O objetivo é construir sujeitos competentes, sempre com soluções e perseverança, habilidades para desenvolver e avançar nas atividades educacionais.</p>

**Fonte:** (autores da pesquisa)

### Análise da narrativa de Ana

Ana é casada há mais de 50 anos, têm 3 filhos, professora há mais de 30 anos. Venceu os obstáculos da vida com muito esforço e luta. A sala de aula é um “campo” (BOURDIEU, 1989) de desigualdade, dificuldades, baixa autoestima e fracasso, mas ela usa de todas as suas armas: amor, carinho e conhecimentos pedagógicos, para lutar pelos seus alunos. Se for preciso ela chama por reforço, pois sabe que sozinha não consegue vencer a batalha. Essa professora aprendeu com a vida a ter força e a vencer o fracasso escolar (CHARLOT, 2000).

Para Ana, conseguir se formar e se tornar uma professora concursada na Prefeitura Municipal de Hortolândia foi uma árdua tarefa, como ela diz: “sempre tive muitas dificuldades”, porém, esse reconhecimento dos seus próprios limites, não foi um agente de desmotivação, pelo contrário, ajudou-a a ter força, “enfrentei conflitos, mas tudo isso com superação”. É lugar comum, para ela, haver alunos que enfrentam dificuldades, dúvidas e desafios durante a formação escolar.

Pelo seu discurso (FOUCAULT, 2019) é possível notar que ela superou um possível fracasso escolar (CHARLOT, 2000), mas o revés do dia a dia, não a fez desistir, “os conflitos enfrentados foram tratados de forma humana, em condições emocionais, físicas e culturais que promoveram muitas mudanças ao longo da minha carreira profissional, também no desenvolvimento pessoal e intelectual”, diz a professora.

Essa perspectiva, a partir da sua própria história de vida (DELORY-MOMBERGER, 2011), a fez enxergar o aluno como alguém passível de dificuldades e conflitos, dessa maneira, “trabalhar a autoestima significa fazer com que ele (aluno) aprenda a perceber que aprende e sinta orgulho de ter aprendido onde a partir disso seja capaz de aprender mais, isto está sempre relacionado ao conteúdo ensinado”.



A vida a moldou e a tornou uma professora que não desiste do seu aluno. Ela sabe que “o processo educacional de ensinar e aprender, é uma criação que se apoia numa ampliação de técnicas variáveis de conhecimento, que requer qualificação, perseverança e responsabilidades do professor e dos alunos no dia a dia”. Sabe também que os aspectos emocionais, amor, tranquilidade e segurança também são armas que devem estar nas mãos dos professores. É importante observar que os aspectos da emoção, são importantes para um desenvolvimento de vida, lares mais tranquilos colaboram para o sucesso escolar, isso confirma a ideia de Charlot (2000), que não há fracasso escolar e sim situações de fracasso.

Entretanto, há momentos em que ela sabe que sozinha não é capaz de ajudar seu aluno, “As ideias negativas deles (alunos) se assemelham a ponto de não ter vontade de realizar suas tarefas escolares. Perante os desafios se sentem desmotivados sentindo-se fracassados dentro do ambiente escolar, para reverter esse quadro é difícil”. Ela, às vezes, fraqueja e precisa de ajuda. Será que a ela não está reproduzindo (BOURDIEU, 2014), o que a sociedade espera desses alunos, que sejam uns fracassados? Ana faz uma autoanálise e percebe que seu julgamento está sob uma névoa escura e ela não é capaz, sozinha, de compreender o seu aluno e, nesse momento, “faz-se necessário um auxílio com encaminhamento para especialistas no assunto, como psicólogo, psicopedagogo”.

Ana sabe que nem todas as pessoas têm a mesma força que ela teve durante a sua vida. Aprendeu que mesmo com todo o seu esforço profissional, não é capaz de mudar a vida de todos os alunos, alguns terão sucesso e outros serão perdidos. A vida de um professor é feita de vitórias e derrotas, mas o que a torna uma guerreira é a certeza e a força para nunca desistir de seus alunos.

### Narrativa de Clara

“Iniciei na escola com três anos de idade, frequentei a creche, logo após segui estudando em escola pública até concluir o segundo grau. Logo em seguida cursei o magistério e nesse período tive a oportunidade de fazer estágio remunerado pela Prefeitura Municipal. Foi uma experiência fantástica, pois eu aprendi muito na prática. O dia a dia na sala de aula é bem diferente da parte teórica.

Meu estágio foi na casa da criança, e eu dava mais apoio na creche pois era onde mais precisava, mas, às vezes, eu ficava na EMEI também. Depois do término do estágio fiquei dois anos sem trabalhar.

Em 2002 tive a oportunidade de trabalhar novamente na mesma unidade como auxiliar de desenvolvimento infantil, mais desta vez entrei com contrato temporário de dois anos. As crianças desse bairro eram muito carentes e para mim foi um choque de realidade. Os pais vinham drogados trazer as crianças e por diversas vezes as crianças vinham na segunda feira com a mesma fraude e roupas que iam embora na sexta feira. Após os dois anos comecei a trabalhar como eventual na rede pública municipal por aproximadamente um ano. Nessa fase trabalhei praticamente na cidade toda na área de educação infantil.

Devido a minha separação conjugal não pude continuar como eventual pois precisava de um trabalho um pouco mais estável. Na época surgiu a oportunidade de trabalhar como cozinheira em um contrato temporário por dois anos, trabalhei na creche novamente mais desta vez em outra unidade. Em 2011 iniciei o curso de pedagogia pela universidade Anhanguera. Neste período surgiu o concurso para cozinheira prestei o concurso e hoje sou efetiva na Prefeitura Municipal. Ao todo são 15 anos de prefeitura”.

**Tabela 2:** Extratos da narrativa de Clara

<p>Categoria 1: (Forma de Discurso) Discurso direto</p>	<p>- Foi uma experiência fantástica pois eu aprendi muito na prática; - O dia a dia na sala de aula é bem diferente da parte teórica. - (...) entrei com contrato temporário de dois anos.</p>
<p>Categoria 2 (Esquema de ação)</p>	<p>- cursei o magistério e nesse período tive a oportunidade de fazer estágio remunerado pela prefeitura municipal.</p>
<p>Categoria 3 (Motivos recorrentes do “lugar comum” <i>tôpoi</i> -</p>	<p>- A escola deve ensinar, a alfabetização, leitura, cálculos, tabuada, etc..., regras de convivência e respeito dentro do espaço escolar.</p>
<p>Categoria 4 (Gestão biográfica do “lugar comum” em função da realidade sócio individual.)</p>	<p>- Ao meu ver esses valores os alunos deveriam vir de casa, para que o professor pudesse usar o tempo em sala de aula ensinando o que para mim é [importante]; - Ao meu ver acaba ficando tudo distorcido, o aluno vem de casa com uma deficiência, aí o professor ao invés de ensinar o que deveria e acaba tendo que ensinar os valores que deveriam vir de casa, aí vai pra casa sem aprender o que deveria, na escola; - Analisando o que Charlot relata vejo que infelizmente ele tem razão os alunos não estão preocupados em aprender e sim a pegar o seu diploma, porque para eles o que importa é arrumar um bom trabalho.</p>

**Fonte:** (autor da pesquisa)

### Análise da narrativa de Clara

“Clara é divorciada, mãe de dois filhos, tem mais de 40 anos, dos quais, 15 anos trabalhando como cozinheira na escola. Formada no antigo magistério, conhece a escola e os estudantes como poucos. Antes de passar no concurso para cozinheira, foi estagiária e diz que “foi uma experiência fantástica, pois aprendi na prática”. A vivência como estagiária a fez compreender que os estudantes reproduziam (BOURDIEU e PASSERON, 2008) “vem de casa com uma deficiência, aí o professor ao invés de ensinar o que deveria na escola, acaba tendo que ensinar os valores que deveriam vir de casa, aí vai pra casa sem aprender o que deveriam aprender na escola” e que a sociedade confirma que os professores devem ensinar os “valores, cidadania, amor ao próximo, formação de caráter, etc”. Porém, e como fica a alfabetização, a leitura, os cálculos e as questões próprias do ambiente escolar? “Analisando o que Charlot (2000) relata vejo que infelizmente ele tem razão os alunos não estão preocupados em aprender e sim a pegar o seu diploma, porque para eles o que importa é arrumar um bom trabalho”.

### Narrativa de Maria

“A educação infantil e o ensino fundamental foram concluídos numa escola pública estadual na cidade de Santa Bárbara d’ Oeste. Já o magistério e a graduação foram cursados na cidade de Americana.

Lembro com muito carinho dessa época, fui muito feliz na escola, apesar das dificuldades cotidianas do universo escolar.

Ingressei na Educação Infantil aos cinco anos de idade e consigo me lembrar de algumas atividades como as cantigas, as brincadeiras de roda e as brincadeiras no parquinho. Cantar as músicas era muito divertido, a repetição de alguns sons por meio dessa atividade oral permitia a percepção das rimas e aliterações para a compreensão das palavras no processo de alfabetização. Brincar no parquinho era um momento mágico, a interação com os amigos fluía de maneira tão simples e natural. Era muito divertido. Um mundo a descobrir sem pressão por cumprir conteúdos.



Lembro que havia momentos para a atividade sistemática, mas havia muitos momentos de interações entre os coleguinhas.

Ao ingressar no ensino fundamental na mesma escola, que nessa época era de oito anos, a alfabetização era ensinada com a cartilha Caminho Suave de Branca Alves de Lima. A professora não utilizava nenhum outro instrumento de mediação além da repetição, da cópia, do treino grafomotor e da memorização, mas, mesmo assim, ao final do primeiro ano eu já fazia uma leitura silabada das palavras.

Lembro que até o quinto ano do ensino fundamental (antiga quarta série) o ensino era mais simples, não éramos tão cobrados em relação ao excesso de conteúdos que existem hoje em dia. Tínhamos um tempo coerente para fazer as atividades, pensar a respeito das mesmas, e me lembro também que para aqueles com maior dificuldade havia sala de reforço e ocorria no período inverso de aula. Eu era muito falante e no ensino fundamental II, estava muito mais focada em fazer amigos, mas nutria grande admiração por alguns professores extremamente bem preparados, que ensinavam com paixão e provocaram uma aprendizagem muito significativa destas disciplinas, especialmente língua portuguesa, matemática e história. Enquanto outros não dominavam os conteúdos e muito menos a dinâmica de sala de aula, por isso aprontávamos muito, hoje sinto tanta pena deles.

Ao chegar na idade de cursar o ensino médio, optei por tentar estudar numa das poucas escolas estaduais ainda renomadas na época em minha cidade: Colégio Heitor Penteadado. Só se conseguia uma vaga nesta escola após ser aprovado no vestibulinho que dava opção ao aluno aprovado de cursar ensino médio normal ou técnico em magistério. Minha intenção era cursar o ensino médio normal, mas a moça da secretaria me matriculou no magistério, até hoje não entendo bem como se deu toda essa confusão. O fato é que acabei cursando magistério meio que sem querer, mas segui em frente. Não me identificava com o curso, não me via dando aulas, mas não queria deixar o curso inacabado, fui até o fim. Me formei, participei do baile e no ano seguinte, por orientação de uma antiga chefe de setor que eu tinha, ela era psicóloga, me disse para não perder tempo e ingressar numa faculdade que fosse mais acessível para mim naquele momento, por isso me encorajei e fui prestar vestibular para pedagogia no Centro Universitário Salesiano Dom Bosco. Após a aprovação no vestibular, me matriculei e em 1998 iniciei o curso de licenciatura em Pedagogia.

Assim como o magistério, cursar Pedagogia nunca foi um desejo, mas era a opção mais próxima da minha realidade na época. Então eu canalizei meu foco para utilizar os conhecimentos da pedagogia na empresa, pois, neste período, eu trabalhava com recrutamento e seleção de pessoal, por isso, enxerguei uma possibilidade de não desperdiçar o curso, mas direcioná-lo pra algo do meu interesse. Eu acreditava que iria trabalhar na área de recursos humanos de uma grande empresa e que aquele curso seria um importante ponte para isso, já que em alguns workshops víamos profissionais da área que se destacavam dentro de empresas.

Não me enquadrar no curso interferia até no âmbito de relações com os colegas, pois as coisas que eles compartilhavam não eram significativas ou interessantes para mim. Me sentia muito distante daquele mundo, pois praticamente todos aqueles estudantes estavam há algum tempo atuando na área de educação, menos eu.

No segundo ano do curso, foi necessário optar por alguma habilitação para me especializar e diante dos objetivos e planos que tinha em mente para o futuro e optei por cursar as habilitações em: Administração e Supervisão Escolar.

Finalmente em dezembro de dois mil me formei e continuei trabalhando na área de recursos humanos da prefeitura de Americana. Em dois mil e dois, por insistência de uma grande amiga, eu prestei um concurso público para professora de ensino fundamental I na cidade de Santa Bárbara d' Oeste. Como estava na área, acabei fazendo, sem nenhuma pretensão. Em janeiro do

ano seguinte, eu me desliguei do meu emprego anterior por meio de um acordo entre as partes já que eu não era concursada.

Em primeiro de fevereiro de dois mil e três, essa mesma amiga me ligou em casa, bem no momento que houve o acidente do ônibus espacial Columbia (durante a fase de reentrada na atmosfera terrestre, a apenas dezesseis minutos de tocar o solo no regresso da missão, causando a destruição total da nave e a morte dos sete astronautas que compunham a tripulação) e eu estava aos prantos assistindo a TV, e então ela me disse toda animada: “Você acompanhou o jornal hoje?” continuou com voz bem empolgada dizendo que eu havia sido convocada para me apresentar ao cargo de professora naquele concurso que havia prestado. Estava atordoada, fui da tristeza a alegria em três minutos. Afinal, o salário era bom e eu estava desempregada. Tinha motivos para comemorar.

Enfim, fui contratada, assumi uma sala de segundo ano do ensino fundamental. Mesmo sem nenhuma experiência e muita insegurança, fui me apaixonando pela difícil arte de ensinar e ano após ano fui me aprimorando, buscando novos conhecimentos, sempre me conectando aos alunos. E toda a resistência que eu tinha com a profissão acabou. Hoje gosto e entendo a grandeza da missão que tenho, apesar dos incontáveis desafios. Já se passaram dezoito anos e aqui estou sempre disposta a me aperfeiçoar, aprender e conhecer mais formas de conduzir essa nave chamada educação.”

**Tabela 3:** Extratos da narrativa de Maria

<p>Categoria 1: (Forma de Discurso) Discurso direto</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lembro com muito carinho dessa época, fui muito feliz na escola;</li> <li>- consigo me lembrar de algumas atividades como as cantigas, as brincadeiras de roda e as brincadeiras no parquinho;</li> <li>- Eu era muito falante e no ensino fundamental II, estava muito mais focada em fazer amigos:</li> <li>- Minha intenção era cursar o ensino médio normal</li> </ul>
<p>Categoria 2 (Esquema de ação)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Minha intenção era cursar o ensino médio normal</li> <li>- Brincar no parquinho era um momento mágico, a interação com os amigos fluía de maneira tão simples e natural;</li> <li>- acabei cursando magistério meio que sem querer, mas segui em frente;</li> <li>- o magistério, cursar Pedagogia nunca foi um desejo, mas era a opção mais próxima da minha realidade na época;</li> <li>- ano após ano fui me aprimorando, buscando novos conhecimentos, sempre me conectando aos alunos.</li> </ul>
<p>Categoria 3 (Motivos recorrentes do “lugar comum” <i>tópoi</i>)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Brincar no parquinho era um momento mágico, a interação com os amigos fluía de maneira tão simples e natural. Era muito divertido;</li> <li>- não utilizava nenhum outro instrumento de mediação além da repetição, da cópia, do treino grafomotor e da memorização;</li> <li>- Lembro que até o quinto ano do ensino fundamental (antiga quarta série) o ensino era mais simples;</li> <li>- nutria grande admiração por alguns professores extremamente bem preparados, que ensinavam com paixão e provocaram uma aprendizagem muito significativa;</li> </ul>
<p>Categoria 4</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Hoje gosto e entendo a grandeza da missão que tenho, apesar dos incontáveis desafios</li> <li>- apesar das dificuldades cotidianas do universo escolar.</li> </ul>

(Gestão biográfica do “lugar comum” em função da realidade sócio individual.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ao final do primeiro ano eu já fazia uma leitura silabada das palavras;</li> <li>- Não me enquadrar no curso interferia até no âmbito de relações com os colegas, pois as coisas que eles compartilhavam não eram significativas ou interessantes pra mim;</li> <li>- Mesmo sem nenhuma experiência e muita insegurança, fui me apaixonando pela difícil arte de ensinar</li> </ul>
---	--

Fonte: (autor da pesquisa)

### Análise da narrativa de Maria

Maria é casada, tem dois filhos e tem mais de 40 anos de idade. Nos seus mais de 20 anos de professora, diz que “a escola lhe traz boas e carinhosas lembranças. “Para algumas pessoas, os primeiros anos de vida escolar são traumáticos, um momento de ruptura com a família, novos amigos, porém para ela, as coisas transcorreram tranquilamente, sem traumas. Maria consegue descrever as atividades do dia a dia na escola, cantigas, brincadeiras. É possível imaginar que seus primeiros anos na escola foram de muita alegria e felicidade. Ao lembrar, ela diz saber que a sua professora era muito competente no trabalho, pois “sem usar instrumentos de mediação, ela conseguiu fazer com que ela aprendesse a ler sílabas, isso ainda no primeiro ano”. Suas ações eram baseadas nas relações afetivas, fazer amigos, admiração por professores e paixão pela aprendizagem significativa. Todo seu discurso transpassa a afetividade como ponto chave nas relações externas e internas.

A forma apaixonada com que relata sobre sua vida de estudante e os seus professores, contrasta com o que vivencia durante o magistério. A falta de experiência e o “não desejo” em se tornar professora, a afastava do curso e dos colegas, pois isso, o magistério não era significativo. Evidenciamos um conflito de sentimentos em comparação ao seu início de vida escolar. Ao contrário do que ocorreu durante o curso de pedagogia, que era uma oportunidade para trabalhar em setores dos recursos humanos. Ser professora não era uma vontade, ou um dom como as pessoas consideram com frequência, mas foi uma escolha prática. A escolha do magistério, trouxe alguns desafios e um distanciamento. Faz uma crítica ao atual modelo de ensino conteudista, diz que na sua época tinha mais tempo para fazer as atividades e pensar sobre elas. Ela deixou a vida caminhar, não tinha um projeto de si (DELORY-MOMBERGER, 2012), os acontecimentos da sua vida, aconteceram de forma natural, não tinha um projeto de vida, e quando começou a fazer estágio, foi tomando gosto. Tem claro que ensinar é uma arte, porém de difícil realização. Ela diz saber que aprendeu a ensinar. Superou a resistência que tinha. Buscou novos conhecimentos e a cada dia foi se aprimorando, afinal ela sabia a importância que seus professores tiveram na sua vida. Talvez o medo de fracassar, de se tornar alguém muito diferente do modelo de professores que tinha em mente. Mas ela o superou.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar com as narrativas autobiográficas de formação, proporcionamos um duplo aprendizado. Ao narrar o seu projeto de si, o professor é levado a refletir a sua prática e sua formação. Ao fazer esse exercício o professor não é mais o mesmo, pois a partir do fato narrado, ele cria a sua própria história de vida. Não sabemos se esse movimento tornará o professor em um profissional melhor, pois as escolhas e os caminhos são individuais e estão diretamente ligados os fatos que sujeitam o professor, mas com certeza, ao olhar para sua história há uma grande chance que ele busque um projeto de vida, que ele acredite ser melhor. Para nós pesquisadores,

ler e analisar as narrativas autobiográficas nos faz aprender com a história de vida do outro, a encontrar pontos em comum ou divergentes com a nossa própria maneira de encarar nossas vidas. Na busca por compreender a formação do professor, somos instigados a compreender a forma de aprender do outro, ampliando os nossos horizontes e nos trazendo elementos mais completos sobre como propor formações continuadas mais adequadas à realidade e necessidade de cada professor.

Observamos pelas narrativas, que a formação profissional, não se faz de forma isolada e alheia à vida. As dores, frustrações, amores, superação e exemplos, moldam a nossa vida e a nossa formação. Enquanto estamos nos formando profissionais, os nossos alunos e colegas, nos ajudam a nos formar na vida.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A. 1989 (Coleção Memória e Sociedade).

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador em contradição. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.17, n. 30, jul./dez.2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, maio/ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos Epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. **Educação em revista**, v. 27, n. 1, abril 2011.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN, 2014

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber singular. **Revista brasileira de pesquisa (Auto) biográfica**, Salvador, ano 2016, v. 01, n. 01, 2016.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2019.